

GRACILIANO RAMOS

# ANGUSTIA

*Romance*



*Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora*

## *Angústia* Graciliano Ramos

ETAPA

48  
18/17  
GRACILIANO RAMOS

# ANGUSTIA

*Romance*



2.<sup>a</sup> edição, revista

Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora

GRACILIANO RAMOS

# Angústia

ROMANCE



LIVRARIA José Olympio EDITORA

ETAPA

# Graciliano Ramos e sua obra

## 2ª Geração do Modernismo

- ‘Era do romance brasileiro’;
- Escritores que amadureceram após 1930;
- Formas mais complexas de ler e narrar o cotidiano;
- Estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos: neonaturalismo (uma visão crítica das relações sociais);
- Romance que analisa, agride, protesta.

# Graciliano Ramos e sua obra

- ✓ Ciclo Regionalista do Nordeste;
- ✓ Compôs uma série de romances cuja descontinuidade é sintoma de um espírito pronto à indagação, à fratura, ao problema;
- ✓ Romances com “*espírito crítico*”.

# Graciliano Ramos e sua obra

## Bibliografia

- *Caetés* (1928)
- *São Bernardo* (1934)
- *Angústia* (1936)
- *Vidas secas* (1938)
- *Infância* (1945)

# Foco narrativo:

1ª Pessoa – narrador/personagem: Luís da Silva

Indivíduo frustrado, tímido, solitário e impotente, impossibilitado de adaptar-se a um meio social que o enoja e o deprime.

*“Fui sentar-me numa prensa de farinha que havia no fundo do nosso quintal. Tentei chorar, mas não tinha vontade de chorar. Estava espantado, imaginando a vida que ia suportar, sozinho neste mundo. Sentia frio e pena de mim mesmo. A casa era dos outros, o defunto era dos outros. (...)*

*Voltei à sala nas pontas dos pés. Ninguém me viu. Camilo Pereira da Silva continuava escondido de baixo do pano branco, que apresentava no lugar da*

*“Fui sentar-me numa prensa de farinha que havia no fundo do nosso quintal. Tentei chorar, mas não tinha vontade de chorar. Estava espantado, imaginando a vida que ia suportar, sozinho neste mundo. Sentia frio e pena de mim mesmo. **A casa era dos outros, o defunto era dos outros.** (...)”*

*Voltei à sala nas pontas dos pés. Ninguém me viu. Camilo Pereira da Silva continuava escondido de baixo do pano branco, que apresentava no lugar da*



*cara uma nódoa vermelha coberta de moscas.  
Rosenda queimava alfazema num caco de telha.  
Seu Acrisio não servia para nada. Era impossível  
saber onde se fixava o olho de padre Inácio, duro,  
de vidro, imóvel na órbita escura. Ninguém me viu.  
Fiquei num canto, roendo as unhas, olhando os pés  
do finado, compridos, chatos, amarelos. Sempre  
abafando os passos, dirigi-me novamente ao fundo  
do quintal, com medo daquela gente que nem me  
havia mandado buscar à escola para assistir a*

*morte de meu pai. Até a preta Quitéria se esquecera de mim. Ao passar pela cozinha, encontrei-a mexendo nas panelas e lastimando-se. Sentei-me na prensa, cansado, o estômago doendo. Que iria fazer por aí à toa miúdo, tão miúdo que ninguém me via? Encostei-me ao muro, escorreguei por cima da madeira bichada.*

*Adormeci pensando nos mergulhos do poço da Pedras nos bolos e nos pés de Camilo Pereira da Silva. (...) Quem me acordou foi Rosenda, que me trazia uma xícara de café.*

*- Muito obrigado, Rosenda.*

*E comecei a soluçar como um desgraçado. Desde esse dia tenho recebido muito coice. Também me apareceram alguns sujeitos que me fizeram favores. Mas até hoje, que me lembre, nada me sensibilizou tanto como aquele braço estirado, aquela fala mansa que me despertava. - Obrigado, Rosenda. Iam levando o cadáver de Camilo Pereira da Silva. Corri para a sala, chorando. Na verdade chorava por causa da xícara de café de Rosenda, mas consegui enganar-me e evitei remorsos.”*

# Espaço:

- ✓ Narrador vive um profundo conflito de identidade entre o mundo urbano e o mundo rural;
- ✓ Mora num casebre alugado, próximo a uma usina elétrica, num meio social pobre e decadente;
- ✓ Sufocado, vive em constante conflito com a realidade que o cerca e se entrega às lembranças da infância.

# Espaço:

✓ Porém as imagens do passado também são de miséria e decadência:

*“Dez ou dozes reses, arrepiadas no carrapato, envergavam o espinhaço e comiam que Amaro vaqueiro cortava nos cestos (...) Um carro de bois apodrecia debaixo das catinqueiras sem folhas.”*

✓ Em qualquer desses planos, há uma cisão entre a personagem e o mundo. Há como que uma fenda entre Luís da Silva e o espaço que o cerca.

# Tempo:

- Cronológico: intervalo de um ano (= *tempo físico*)

*“Afiml, para a minha história, o quintal vale mais que a casa. Era ali, debaixo da mangueira, que, de volta da repartição, me sentava todas as tardes, com um livro. Foi lá que vi Marina pela primeira vez, em janeiro do ano passado. E lá nos tornamos amigos.”*

# Tempo:

- Cronológico: intervalo de um ano (= *tempo físico*)
- Psicológico: tumulto psicológico acaba confundindo passado e presente. As lembranças do narrador invadem o presente, fundindo-o, por meio das variadas associações, ao passado.

*“Eu escondia as mãos nas cobertas, enrolava o pano debaixo do queixo e tremia, pedia-lhe com os olhos que não me deixasse só entre aquelas paredes horríveis. Agora Moisés me havia abandonado, e eu batia os dentes como um caititu. As paredes cobriam-se de letreiros incendiários, de lágrimas pretas de piche. As letras moviam-se deixavam espaços que eram preenchidos. Estava ali um tipógrafo emendando composição. E o piche corria, derramava-se no tijolo. Ameaças de greves, pedaços da Internacional. Um, dois... Impossível contar as legendas subversivas. Havia umas enormes, que iam de um ao outro lado do quarto; umas pequeninas, que se torciam como cobras, arregalavam os olhinhos de cobras mostravam a língua e chocalhavam a cauda. As letras tinham cara de gente e*



*arregaçavam os beijos com ferocidade. A mulher que lava garrafas e o homem que enche dornas agitavam-se na parede como borboletas espetadas e formavam letreiros com outras pessoas que lavavam garrafas, enchiam dornas e faziam coisas diferentes. A datilógrafa dos olhos agateados tossia, as filhas de Lobisomem encolhiam-se por detrás das outras letras, Antônia arrastava as pernas grossas cobertas de marcas de feridas, a mulher da Rua da Lama cruzava as mãos sobre o joelho magro e curvava-se para esconder as pelancas da barriga escura. Um choro longo subia e descia: - "Que será de mim? Valha-me Nossa Senhora." Um moleque morria devagar, mutilado, porque havia arrancado os tampos da filha do patrão. Fazia um gorgolejo medonho e vertia piche das chagas. 16.384. O cego dos bilhetes batia com o cajado na parede."*

## ROMANCE DE CONFISSÃO

- Romance de confissão, em 1ª pessoa;
- Luís da Silva = narrador-protagonista;
- *Fluxo de consciência* – todos os fatos são narrados segundo a visão do narrador;
- *Romance psicológico*: ainda pouco afastado dos fatos que narra e das sensações que estes lhe causaram, narrador sente necessidade de confissão.
- *Monólogo interior*: confissão sem interlocutor, que surge como necessidade do narrador.

# ENREDO

- ✓ Luís da Silva – solitário e insatisfeito, simples funcionário público.
  - mora nos subúrbios de Maceió, com uma criada (Vitória), um papagaio e um gato;
  - seus amigos:
    - Moisés: gosta de pregar a revolução operária;
    - Pimentel: colega da repartição pública;
    - Seu Ivo: velho mendigo que o visita para pedir esmolas.
  - Cotidiano simples e mesquinho, divididos entre o trabalho, as tardes no quintal e a visita dos amigos.

# ENREDO

- ✓ Numa tarde, enquanto lê, conhece *Marina*, por quem se apaixona e, em pouco tempo, a pede em casamento.

**Marina: mulher fútil, ciente de sua beleza juvenil, cheia de vaidade e ambição.**

- ✓ Luís entrega a ela suas economias para compra do enxoval, mas dinheiro é quase todo gasto em meias de seda e pó de arroz.

# ENREDO

- ✓ No Instituto Histórico, conhece Julião Tavares, por quem, desde o início, nutre uma indisfarsável antipatia.

**Julião: homem rico, de uma elegância superficial e esnobe, com fala cheia de retórica e patriotismo.**

- ✓ Julião passa a frequentar a casa de Luís e conhece Marina, a quem passa a assediar.

# ENREDO

- ✓ Marina se deixa seduzir sem dificuldade e Luís, dominado pelo ciúme e pelo sentimento de derrota, deixa-se arrastar para um abismo interior sem volta.
- ✓ Vários acontecimentos, como a gravidez de Marina, vão aumentando o ódio que Luís sente por Julião Tavares. Para complicar, Seu Ivo lhe dá uma corda de presente (a qual lhe inspira vários devaneios associados à ideia de morte e assassinato)

*“Seu Ivo apareceu aqui em casa faminto, meio nu e meio bêbedo, como sempre. Enquanto Vitória lhe preparava a comida, fez-me um presente:*

*— Está aqui, seu Luisinho, que eu lhe trouxe.*

*E pôs em cima da mesa uma peça de corda.*

*— Para que me serve isso, seu Ivo? Onde foi que você furtou isso?*

*— Não furtei não, seu Luisinho, achei na rua. Guarde para o senhor. É bonitinha.*

*E entregou-se ao prato que Vitória lhe ofereceu. (...)*

*Entrei a caminhar de uma parede a outra, mas como numa das viagens batia com a biqueira do sapato no cano de*

*água, desisti do exercício e pus-me a andar em torno da mesa, descrevendo círculos que pouco a pouco se reduziam. Afinal ia quase tocando as cadeiras, e isto me dava a impressão de que seu Ivo e a mesa estavam sendo amarrados. Sentei-me. O horror que a corda me inspirava foi diminuindo, mas o desconchavo nos meus modos e nas minhas ideias continuou. Pareceu-me que uma das ideias estava ali em cima da mesa, simulando laçadas e espirais. (...)*

*Recordei-me da morte de Fabrício, amigo e compadre de meu pai. Nunca tinha visto um homem assassinado. Assoando-se e gemendo, sentada na prensa de farinha que apodrecia no quintal, Quitéria falava de Fabrício como de uma criatura extraordinária, narrava façanhas maravilhosas*



*dele. Rosenda escutava-a com interjeições, eu pensava em José Baía. Mais tarde fugi de casa e cheguei-me à cadeia pública, onde o corpo de Fabrício estava exposto, o tronco nu, os olhos vidrados. Esse cangaceiro tornou-se para mim excessivamente grande, e nenhum dos defuntos que encontrei depois, na vida e em livros, foi como ele. Comparei a Fabrício mortos ilustres, e Fabrício resistiu à comparação, porque foi o primeiro homem assassinado que vi, teve os elogios de Quitéria e era compadre de meu pai. No jornal, consertando a sintaxe na revisão ou escrevendo notas de polícia, quantos cadáveres passaram diante de mim! Nenhum deixou moça. Fabrício estava nu da cintura para cima, cosido de facadas, era horrível. Passei várias*

*noites sem dormir direito, acordando agoniado e aos gritos.  
O segundo homem assassinado que vi impressionou-me,  
mas não me tirou o sono. Depois me habituei.”*

# ENREDO

- ✓ Numa noite de sofrimento e delírios, Luís da Silva persegue o rival e o estrangula com aquela mesma corda que lhe fora presenteada:

*“Dizia isto, e sentia que tudo ia mal, aporrinhava-me por estar perdendo tempo a acompanhar Julião Tavares. Afligia-me pensar que dentro em pouco ele entraria na cidade e dormiria tranquilo. Cirilo de Engrácia, morto, em pé, amarrado a uma árvore, coberto de cartucheiras e punhais, tinha os cabelos compridos e era medonho. Eu não poderia dormir. O caminho encurtava-se. Mas então? Para que*

*seguir o homem odioso que tinha tudo, mulheres, cigarros? Agora estávamos perto um do outro, mas a cidade se aproximava, e em breve estaríamos afastados, ele chupando um cigarro, eu aguentando os roncos do marido de d. Rosália, que tinha chegado na véspera. Pelo resto da noite ouviria os gemidos e os roncos dos vizinhos. O cansaço desaparecera. Desejaria caminhar léguas, até fatigar-me novamente e adormecer. Quantos metros faltariam para desembocarmos na Levada? Quantas horas faltariam para se abrirem os cafés e as bodegas? A ideia de que nos íamos separar me desesperava. Ali era como se ele dependesse de mim. Distinguiam-se perfeitamente os passos; nas luzes que espirravam das travessas a figura surgia, escura e bojuda, com o chapéu desabado e a gola do paletó erguida. De*

*repente senti uma piedade inexplicável, e qualquer coisa me esfriou mais as mãos. Julião Tavares era fraco e andava desprevenido, como uma criança, naquele ermo, sob ramos de árvores dos quintais mudos. Uma hora, meia hora depois, passaria pelo guarda adormecido junto a um poste, seria forte, mas ali, debaixo das árvores, era um ser mesquinho e abandonado. Contraí as mãos frias e molhadas de suor, meti-as nos bolsos para aquecê-las. Para aquecê-las ou levado pelo hábito. A aspereza da corda aumentou-me a frieza das mãos e fez-me parar na estrada, mas a necessidade de fumar deu-me raiva e atirou-me para a frente.”*

- ✓ Depois de uma longa doença, causada pelo abalo nervoso que o assassinato lhe provocara, Luís da Silva conta sua própria história.

*“Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios.*

*Há criaturas que não suporto. Os vagabundos, por exemplo. Parece-me que eles cresceram muito, e, aproximando-se de mim, não vão gemer peditórios: vão gritar, exigir, tomar-me qualquer coisa.*

*Certos lugares que me davam prazer tornaram-se odiosos. Passo diante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho a impressão de que se acham ali pessoas exibindo títulos e preços nos rostos, vendendo-se. . É uma espécie de*

*prostituição. Um sujeito chega, atenta, encolhendo os ombros ou estirando o beijo, naqueles desconhecidos que se amontoam por detrás do vidro. Outro larga uma opinião à toa. Basbaques escutam, saem. E os autores, resignados, mostram as letras e os algarismos, oferecendo-se como as mulheres da rua da Lama. (...)"*



# CONSIDERAÇÕES

- ✓ Simbolicamente, assassinato é uma espécie de *necessidade de reequilíbrio*;
- ✓ Para Luís, não havia como voltar atrás, ele teria de ir até o fim nessa luta contra o outro - *que era, na verdade, uma luta contra si mesmo*.
- ✓ *Ou seja, Julião Tavares funciona como uma projeção das frustrações, dos recalques e dos desejos reprimidos de Luís da Silva.*

# CONSIDERAÇÕES

## Julião Tavares X Moisés

- **Julião Tavares** = “*beletrismo*” e a retórica nacionalista, resquício ainda dos ideais positivistas que nortearam os primeiros anos da República;
- **Moisés** = representa a entrada das ideias socialistas em certos meios sociais, principalmente no proletariado urbano e em setores intelectuais.

